

Comerciantes pedem socorro

Seis estabelecimentos fecharam na Baixa dos Sapateiros em menos de um mês

YURI ABREU
REPÓRTER

Para onde se olha, o cenário é desolador. Lojas fechadas, placas de aluguel e vende-se e, em alguns estabelecimentos, até mesmo o lixo toma conta da frente dos espaços. Aqueles que ainda resistem, convivem com os corredores cada vez mais vazios, poucos funcionários e as incertezas que rondam aquele que é considerado o comércio de rua mais antigo da Bahia, com 178 anos: a Baixa dos Sapateiros.

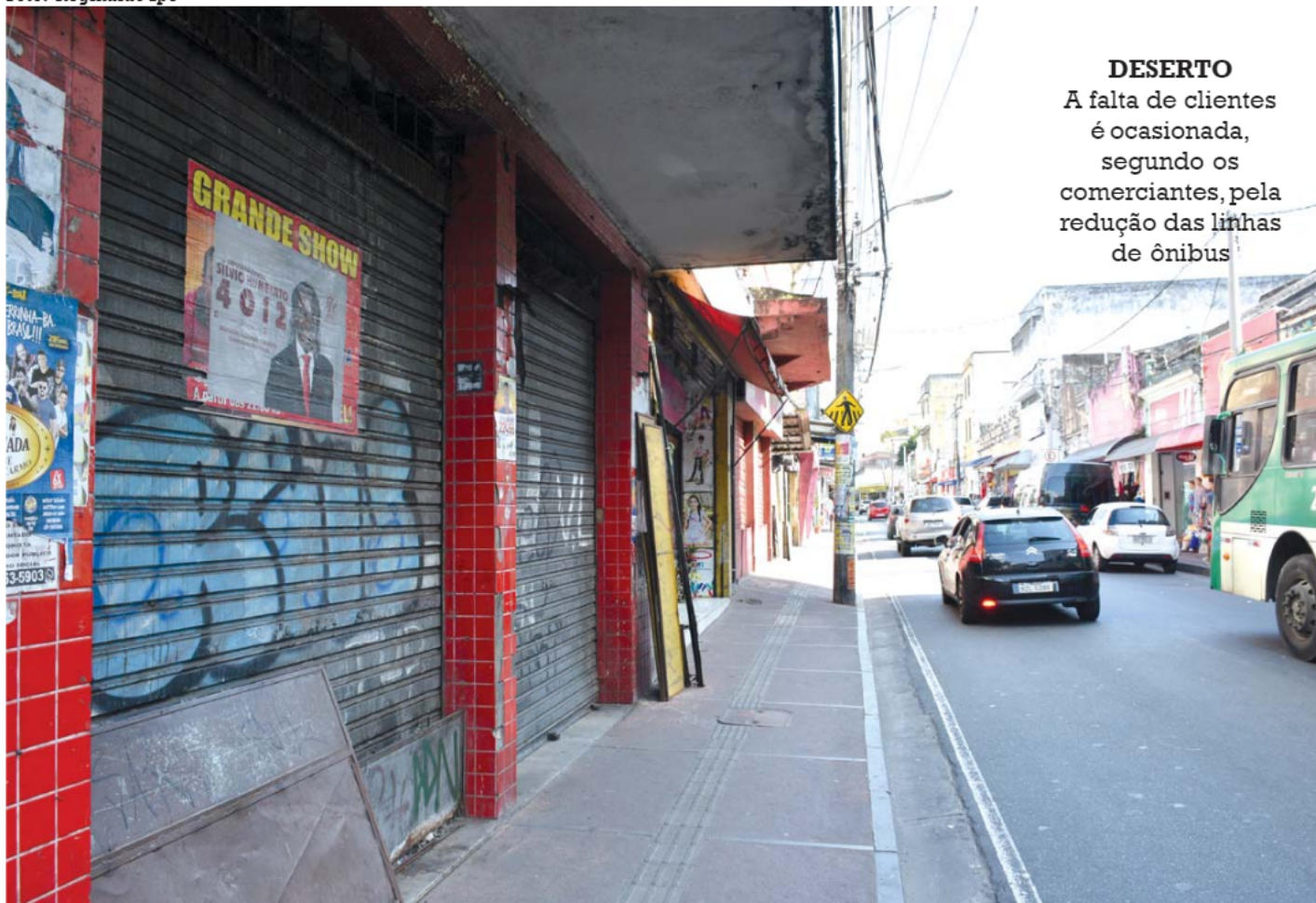
Cantado em verso e prosa pelo compositor, Ary Barroso, a Baixa dos Sapateiros nem lembra o outrora principal ponto de venda da capital baiana, onde pessoas das mais diversas classes sociais compravam produtos a preços mais em conta.

A equipe da **Tribuna da Bahia** esteve no local pouco depois das 14h e o fluxo de pessoas era muito pequeno, assim como o movimento nas cerca de 300 lojas que ainda funcionam, de acordo com a associação que representa os comerciantes da região. Mas, só no início do mês, a região perdeu seis estabelecimentos, por conta de um incêndio, que atingiu casarões onde funcionavam essas lojas, o que ajudou a piorar o cenário.

Gerente e caixa da loja M2 Confeções, Jacimara Moreira é uma das que lamenta a situação da Baixa dos Sapateiros. De acordo com ela, o problema começou há pouco mais de um ano. "Está difícil. Aqui na loja, que existe há 27 anos, houve uma queda de 80%, tanto no fluxo, quanto nas vendas. Tem dias que ficamos aqui duas, até três horas que não entra nenhum cliente. Os funcionários precisaram se dividir em várias funções, se não perdem o emprego", comentou.

Ainda segundo ela, o problema foi provocado após a retirada das linhas de ônibus que circulavam na região. "O que traz o povo, além da divulgação e publicidade é o transporte. Mesmo com a crise, ainda conseguimos nos manter. A

Foto: Reginaldo Ipê



DESERTO
A falta de clientes é ocasionada, segundo os comerciantes, pela redução das linhas de ônibus

gente se virava com os preços mais baixos e a qualidade da mercadoria. Mesmo no sábado, o movimento ainda é pouco perto do que acontecia antes. Para muita gente, o deslocamento ficou grande e nem todo mundo está disposto a vir andando até aqui. À uma hora dessas, em outros tempos, a loja estaria cheia", afirmou.

O clima de tristeza também é relatado pelo comerciante Teodomiro de Jesus, dono de um box no JJ Center, centro de compras aberto em 2013 e que tinha a expectativa de ser o novo shopping popular da região. Contudo, passados cinco anos, o empreendimento também foi vítima dos problemas que assolam a Baixa dos Sapateiros, uma vez que muitos boxes estavam fechados no momento em que a reportagem passou pelo local.

"As vendas estão muito fracas, está tudo parado. A situação é caótica. Desde a manhã que não aparece nenhum cliente. Mesmo fazendo pacotes, não conseguimos vender", afirmou. Há

apenas três anos no local ele foi atraído à região por estímulos como perfil popular, aluguel mais barato e uma expectativa crescente quanto a demanda de público. Mas, segundo ele, as perdas nas vendas giram em torno dos 50%.

"Essa época já era pra estar 'bombando'. Os poucos compradores que tem dizem não ter dinheiro. Quando cheguei, todos os boxes estavam ocupados. Também havia um restaurante e um posto da prefeitura que atendia ao público, mas que foram fechados. As pessoas que hoje passam aqui e vêem isso fechado, acabam criando uma impressão negativa", lamentou Teodomiro de Jesus.

QUEIXAS

Para o presidente da Associação de Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa), Ruy Barbosa, os problemas pelos quais tem passado a região são decorrentes de dois fatores: a requalificação do local que não teria sido concluída pelo Governo e a retirada das mais de 200 linhas

de ônibus – urbanas e metropolitanas – que circulavam no local todos os dias. Hoje, segundo ele, são cerca de 40, somente urbanas.

"Estamos vivendo o momento difícil. Tanto o Governo, quanto a Prefeitura fizeram a discrepância de tirar os ônibus daqui. Os metropolitanos saíram e os urbanos a maioria foi retirado. Os metropolitanos não entram mais aqui por que fizeram uma integração com o metrô que, na verdade, foi uma imposição. Para uma pessoa de meia idade, difícil muito. Isso criou uma situação difícil e trouxe grandes transtornos para gente. Precisamos do transporte para que as pessoas cheguem até aqui", afirmou Barbosa.

Vindo de Feira de Santana, nos anos 1980, o comerciante, que já teve sete lojas e uma lanchonete na região, disse que a região chegou a ter cerca de 650 estabelecimentos em pleno funcionamento. "Ambos parecem que esqueceram daqui. Se você for ao Taboão, vai ver que os comerciantes também estão

se sentindo prejudicados, assim como na Djalma Dutra e Sete Portas, locais de forte comércio", disse.

Outra queixa dele vem das altas taxas que os comerciantes têm de pagar para manter os estabelecimentos funcionando. "Isso gera desmotivação. As taxas são caríssimas e, quando você não paga o imposto devido, a Receita Federal te tira do Simples automaticamente e passa para um regime mais caro que o comerciante não suporta e tem que fechar as portas", lamentou.

HISTÓRIA

A Baixa dos Sapateiros estende-se da Barroquinha até o Aquidabã e, desde o final do século XIX, é um local de intenso comércio, que já abrigou também os cinemas Pax e Jandaia, além do Tupy. A origem do nome vem da instalação de uma fábrica de sapatos por imigrantes italianos batizou a Avenida J. J. Seabra (homenagem ao ex-governador da Bahia entre os anos 1912-1916 e 1920-1924) de Baixa dos Sapateiros.

PRESERVAÇÃO

Salvador tem quase 70 monumentos novos ou restaurados

Bronze, pedra e mármore esculpidos passeiam por mãos ágeis de artesãos que burlam peça a peça sob o ritmo marcial de cinzéis, martelos, lixas e furadeiras. Como uma sinfonia, o processo reacende cores, formas e detalhes perdidos de esculturas que contam, a seu modo, o passado de uma Salvador histórica. Foi dessa forma que, em seis anos, a Fundação Gregório de Mattos (FGM) restaurou 64 monumentos e instalou cinco novas peças na cidade. Outras duas obras estão sendo restauradas neste momento, e o Marco da Independência, no Campo Grande, tem licitação prevista para o mês de novembro.

"Esses monumentos figuram na paisagem urbana e oferecem valor estético e artístico aos espaços públicos, além de se constituírem em marcos de referência da história e da cultura da cidade, auxiliando na for-



CAMPO GRANDE
Peças que compõem o marco da independência serão repostas

mação da identidade e da cidadania. Preservá-los é um dever do poder público e da população. Por exemplo, a homenagem ao Dois de Julho é o maior símbolo de referência à Independência da

Bahia. A estátua de Castro Alves é um dos cartões postais mais lembrados da cidade do Salvador, e conserva os restos mortais do poeta em uma urna inserida em seu interior", destaca a

diretora de Patrimônio da FGM, Milena Tavares.

Atualmente, a FGM realiza o restauro da estátua do Visconde de Cairu e do Monumento à Riachuelo, ambas no Comércio. Desde

2013, a cidade recebeu a estátua de Dorival Caymmi e o busto de Calasans Neto, em Itapua; as esculturas Tulipas e Valentinas, na Praça Lord Cochrane, e o busto de João Ubaldo Ribeiro, na Pituba. Os monumentos, inclusive, têm entrado na era digital com o programa #Reconectar – através da utilização da tecnologia QR Code, os cidadãos podem acessar informações sobre as peças através do celular ou tablet.

Marco da Independência – Os elementos em bronze, ferro e pedra que compõem o monumento passarão por limpeza, retirada de vegetação, tratamento das áreas afetadas pela oxidação e obturação de lacunas. Também será feita a reconstituição de partes perdidas pelo tempo ou pela ação de vandalos, como correção da perda de letras, placas comemorativas e partes de estátuas, além da aplicação de verniz de proteção.